

Literatura, história e memória em *Um conto de duas Cidades* de Charles Dickens

Caroline Caputo Pires¹

RESUMO: Charles Dickens, em *Um Conto de Duas Cidades*, apresenta uma história que retrata amor, vergonha, revolta, culpa, retribuição e morte. O romance trata ao mesmo tempo da realidade da Inglaterra e da França revolucionária do século XVIII, onde as personagens viviam conflitos sociais em meio à germinação de movimentos que culminariam na Revolução Francesa. Nesse clássico da literatura Inglesa, Dickens toma como ponto de referência a Revolução Francesa e a Industrial para apontar os problemas sociais e políticos da Inglaterra e da França na época. Nessa perspectiva, é importante entender o discurso literário do romance *Um Conto de Duas Cidades* como um resultado de uma reflexão mediada com a memória histórica.

Palavras-chaves: História, Revolução Francesa, Literatura Inglesa.

Charles Dickens, em *Um Conto de Duas Cidades*, apresenta uma história que retrata amor, vergonha, revolta, culpa, retribuição e morte. A obra foi lançada em 1859, embora, a história do romance refira-se a um período entre 1775 e 1793, época esta, compreendida entre a independência americana e metade do período da Revolução Francesa. O romance trata ao mesmo tempo da realidade da Inglaterra e da França revolucionária do século XVIII, onde as personagens viviam conflitos sociais em meio à germinação de movimentos que culminariam na Revolução Francesa. As personagens vivem em uma época de grandes injustiças e abusos por parte da nobreza. Nesse clássico da literatura Inglesa, Dickens toma como ponto de referência a Revolução Francesa e a Industrial para apontar os problemas sociais e políticos da época, na Inglaterra e na França.

A obra possui um profundo realismo, demonstrando preocupações com as desigualdades sociais e precisão histórica. Seus romances eram escritos semanalmente ou mensalmente e publicados em jornais. Com essa iniciativa, Dickens criava uma grande expectativa no público leitor, assim ele também podia saber da reação deste em relação às histórias, e, desta forma, mudar o rumo da narrativa, após analisar como os leitores aceitariam melhor o desenrolar desta.

Dickens explora o momento histórico em que a população francesa passava por uma histeria coletiva, no qual demonstravam uma sede por sangue. A morte e o medo eram vistos com naturalidade pela população, a inconstância psicológica e as dificuldades de se viver em um ambiente como este foram retratados pelas personagens do livro.

¹ Mestranda em Estudos Literários pela Universidade Federal de Viçosa

Charles Dickens não fala da revolução de forma geral e nem faz menção a líderes ou mesmo a pretensões políticas, ele evidencia a situação social e as consequências físicas que aquele momento histórico estava trazendo para a população. O autor faz uma descrição do ambiente do século XIX e da sociedade da época como afirma George Lukács em seu livro *Ensaio sobre Literatura*:

Dickens representa a sociedade burguesa que se está consolidando através de graves crises: representam as complexas leis que presidem à formação dela, os múltiplos e tortuosos caminhos que conduzem da velha sociedade em decomposição à nova que está surgindo. (LUKÁCS, 1968, p. 56)

Lukács argumenta sobre como os autores naturalistas descreviam o ambiente dos romances a partir do século XVIII, que com as mudanças sofridas pela sociedade, os escritores se tornaram críticos da classe burguesa. Essas mudanças trouxeram ideias capitalistas, das quais as mais perceptivas são as ações dos homens que foram retratadas como produtos do meio social em que vivem. Os naturalistas descreveram homens comuns, atribuindo-lhes palavras e sentimentos da realidade cotidiana.

Um conto de duas Cidades é retratado com um forte teor histórico-realista, no qual Dickens teve como base o livro *A Revolução Francesa* do autor Thomas Carlyle, este por sua vez, fez uma pesquisa sobre grandes acontecimentos históricos, como a Tomada da Bastilha, o período de movimentos revolucionários na França e a declaração dos Direitos do homem e do cidadão, da mesma forma que analisa a memória da população do século XVIII.

Charles Dickens contribuiu em grande parte para a literatura de ficção inglesa. Quando criança gostava de ler livros clássicos devido à forte influência de sua mãe, assídua leitora. Sua família era favorecida financeiramente o que lhe permitiu frequentar boas escolas na infância. Entretanto, em sua fase adolescente, a situação econômica da família entrou em decadência e seu pai foi preso por dívidas. Com doze anos, Dickens viu-se obrigado a trabalhar para ajudar a família, conseguindo um emprego em uma empresa de graxa para sapatos. Após alguns anos, a situação da família melhorou e ele pode voltar a estudar, porém a péssima condição de trabalho da classe operária inglesa que vivenciou neste período o influenciou, e percebe-se que este é um dos temas recorrentes nas obras do escritor inglês. Posteriormente, já na fase adulta, Dickens tornou-se jornalista e publicou vários contos e romances que se tornaram populares e com grande apelo literário. Entre seus mais lidos romances estão também: *Copperfield* e *Oliver Twist*.

O público leitor das obras de Charles Dickens foram às pessoas que se engajaram na Revolução Industrial. Na época em que as publicou, a Inglaterra, sua terra natal, vivia uma

fase promissora financeiramente, com mudanças em suas bases econômicas, e Londres sofria uma explosão demográfica devido a um grande fluxo de pessoas que ali chegava à procura de trabalho. Assim, Dickens conquistou o público burguês por retratar os problemas trazidos com a Revolução Industrial e como eram as condições dos trabalhadores operários. Entretanto, o autor não era visto pelo público como um revolucionário, pois suas personagens apresentavam, em seus romances e contos, melhoria de vida com as circunstâncias de trabalho, apesar das injustiças sociais sofridas.

O romance histórico *Um Conto de Duas Cidades* é dominado pela ficção, mas também há pontos referentes à Revolução Francesa que são, de fato, uma existência real na narrativa. O leitor do romance é conduzido a uma leitura que apresenta a brutalidade vivida pela população francesa desfavorecida da época. Essa brutalidade é percebida já no início da história quando a personagem Lucie vai ao encontro do pai que pensava estar morto:

Contudo ele ... Foi encontrado. Está vivo. Muito mudado, é provável; quase destruído, é possível, mas esperaremos pelo melhor. Ainda vivo, e isso é o que conta. Seu pai foi levado à casa de um velho criado em Paris, para onde nos dirigiremos em seguida. Eu, para identificá-lo, se o conseguir. E a senhorita, para devolvê-lo à vida, ao amor, às suas atividades, à tranquilidade e ao conforto. (DICKENS, 2002, p. 40)

Dr. Manette estava abalado por ter vivido horrores preso na masmorra francesa por muito tempo. Apesar de ser inglês, foi preso na França e permaneceu lá por dezoito anos, período este, em que a filha não teve notícias suas. Sua filha Lucie e o amigo Lorry vão para Santo Antônio na França e encontram os proprietários de uma casa de vinho, os Defarges. Eles, secretamente, lideram um grupo revolucionário, os Jacquerie, e cuidavam de Dr. Manette, desde que ele havia sido libertado da masmorra. De fato, como se percebe na passagem acima, Dr. Manette estava fora da realidade devido aos traumas que trouxe consigo da prisão, mas a filha o ajudaria a retornar ao seu juízo perfeito. A princípio, Dr. Manette não reconheceu Lucie, mas depois de ver os cabelos dourados parecidos com os de sua esposa, ele retorna aos braços da filha.

Apesar de o romance retratar os problemas sociais enfrentados pela sociedade da época, Dickens é poético ao relatar o encontro do pai com a filha e este se lembrar do “cabelo dourado, que ela penteava em cachos compridos,...” (DICKENS, 2002, p. 60). Nesta primeira parte do romance intitulada “De Volta à Vida”, Dickens retrata também como era difícil para uma pessoa que viveu tanto tempo enclausurada voltar a viver na realidade e recuperar a sanidade mental.

Dickens explora com clareza o momento histórico que foi a revolução, assim como as situações adversas que a população francesa passou. O autor descreve como era a cidade da época e como as pessoas viviam. A pobreza e a fome da população menos favorecida estavam por todos os lados na França:

Esta prevalecia por toda parte. A Fome projetava-se das casas estreitas nas roupas esfarrapadas que pendiam de varas e cordas. A Fome era remediada no interior delas com retalhos de palha, trapos, madeira e papel. A Fome repetia o seu nome em cada fragmento de lenha miúda e escassa que os homens cortavam. A Fome os contemplava de alto das chaminés sem fumaça e do rés das vias imundas, sem nenhum resíduo, no meio de seu lixo, de algo que se pudesse comer. (DICKENS, 2002, p. 45)

A visão implacável do verdadeiro quadro social do século XIX é retratada através de uma linguagem expressiva de Dickens ao se referir à fome como um membro, um companheiro inseparável da população da época. A ficção colabora para a manutenção dos fatos históricos de uma comunidade. Esse é um recurso usado pelos escritores para reproduzir a memória social e fazer com que episódios e fatos históricos não sejam perdidos com o tempo.

Peter Burke argumenta que os escritores usam das figuras históricas para construir a ficção, no qual a história reflete a verdade e a memória. A memória de um povo pode ser transmitida pela linguagem oral, pela ação dos historiadores, por imagens, por atos, documentos e por datas e lugares; e esses “diferentes aspectos do passado como memoráveis (batalhas, política, religião, economia e outros)” (BURKE, 2000, p. 71) apresentam o passado de várias formas e os escritores retratam o ponto de vista dos grupos sociais através das personagens. A história ajuda na manutenção da memória coletiva e quando um fato se torna traumático, esse não é facilmente esquecido. Dickens usa de fatos seletivos do passado, e que estão inseridos num contexto social e nacional.

O autor inglês usa da memória social, como também da individual, para retratar os sentimentos vividos pelos franceses na época da Revolução. A personagem principal do romance, Dr. Manette, sofreu por dezoito anos preso na masmorra e as palavras do narrador demonstram esse sofrimento:

A debilidade da voz era lastimável e assustadora. Não se tratava da debilidade decorrente de fraqueza física, embora o confinamento e os sofrimentos passados sem dúvida tivessem contribuído para isso. Sua deplorável peculiaridade devia-se à solidão e à falta de uso das cordas vocais. (DICKENS, 2002, p. 55)

A solidão da personagem é retratada pelas debilidades físicas apresentadas após um período de horror que ocasionou traumas. Mesmo após o retorno de Dr. Manette para Londres, e de voltar a viver em casa com a filha, algumas vezes o médico apresenta momentos de lapso e conturbação mental. Quando Lucie se casa com Darnay e vai passar a lua de mel viajando, Dr. Manette volta à situação em que estava quando foi encontrado na França, fazendo sapatos, isolado em um quarto escuro e sem conversar com ninguém.

Enquanto Dr. Manette está de volta à realidade em Londres, a situação da França era lastimável. Os acontecimentos ocorridos nas ruas do país assustavam a população, mas as pessoas não podiam demonstrar abertamente opiniões em público com medo de represálias. Em 1780, é retratada a real situação dos movimentos revolucionários e da população francesa, período narrado na segunda parte do romance, na qual a traição analisada pelos participantes dos movimentos poderia levá-los à condenação sem razão específica e posteriormente a execução pública, como Dickens demonstra em uma conversa entre a personagem Jerry e um empregado do Banco Tellson, senhor Cruncher:

- _ Será que julgarão algum caso de falsificação esta manhã?
- _ Não. Traição.
- _ Então, a pena será esquarteramento - disse Jerry - Que barbaridade.
- _ É a lei. - retrucou o idoso funcionário, voltando-lhe um olhar surpreso por trás do monóculo.
- É a lei.
- _ É terrível que a lei corte um homem em pedaços, eu acho. Já é bem ruim que o mate, mas é terrível cortá-lo em pedaços, senhor.
- _ De modo algum - discordou o ancião - Fale sempre bem da lei. [...] Deixe que a lei cuide de si mesma. É um conselho que lhe dou. (DICKENS, 2002, p. 77)

Nesse período de revolta, Dickens estabelece em sua narrativa instantes de memória de grupos sociais no qual viviam naquele momento de tensão na França. As pessoas estavam morrendo de fome nas ruas e a nobreza era identificada por um desdém a essa situação. Na França, os revolucionários opunham-se ao absolutismo monárquico e aos privilégios da nobreza e do clero. À medida que as cidades prosperavam, a burguesia tinha um papel de destaque, mas a nobreza e o clero impediam que ela se desenvolvesse. Dickens trata e transporta para a narrativa esse desprezo da nobreza quando uma transeunte passa fome na rua e pede auxílio, porém é ignorada pelo Monseigneur: “Ouça, minha súplica! Meu marido morreu de fome. Tantos morrem de fome ... tantos ainda morrerão!” (DICKENS, 2002, p. 142) As súplicas da senhora são em vão, pois o nobre homem ignora apresentando a arrogância que era inerente à essas pessoas.

Não obstante a fome da população, o livro retrata as revoltas da Revolução Francesa como fonte histórica no qual o autor demonstra que a situação na França não era calma. As

recordações de pessoas que vivenciaram situações específicas do passado podem servir de fonte para uma pesquisa historiográfica. O escritor reconstrói os acontecimentos das histórias passadas, informando aos leitores o que se passou através de esquemas ficcionais.

A intermediação entre a literatura e a história, assim como com outras disciplinas, permite que diferentes conhecimentos sejam explorados conjuntamente. Nesse contexto de intermediação, percebe-se que o historiador auxilia o escritor, pois, este relata acontecimentos no tempo e no espaço, enquanto o outro relata acontecimentos imaginários vinculados a experiências reais. Por meio da escrita se dá uma imagem verbal da realidade, como argumenta Hayden White em seu texto “As ficções da representação Factual”: “O objectivo de um romancista deve ser o mesmo do de um historiógrafo. Ambos pretendem apresentar uma imagem verbal da ‘realidade’.” (WHITE, 2005, p. 44). A história tem a pretensão de se chegar a uma realidade e o escritor de obras literárias tem a coerência de representá-las através de suas reflexões.

Dickens faz uma relação entre a história e a literatura ao fazer uma narrativa literária, mas também descrevendo fatos históricos como a situação de revolta da população francesa explicitada na passagem a seguir:

[...] contudo, mosquetes eram distribuídos, bem como cartuchos, pólvoras e balas, barras de aço e de ferro, facas, machados, picaretas e cada arma que a perturbada engenhosidade pudesse descobrir ou imaginar. As pessoas que não pudessem munir-se de nenhuma outra coisa feriam as mãos até sangrarem arrancando pedras e tijolos dos muros. Cada pulso e coração de Santo Antonio batia tenso e fabril. Cada criatura viva ali não dava nenhum valor à própria vida, enlouquecida com uma apaixonada disposição de sacrificá-la. (DICKENS, 2002, p. 252)

O romance vai sendo construído através da visão dos fatos históricos e o leitor lê a história através da literatura. Assim, na terceira parte do romance, o autor relata os caminhos percorridos pelas personagens na tormenta que estão envolvidas, direta ou indiretamente, nos movimentos revolucionários franceses.

Com o decorrer dos fatos, a personagem Darnay recebe em Londres uma carta endereçada a Evrémonde, esta sendo enviada da França por um prisioneiro. Darnay logo após ler o documento, viaja para seu país de origem sem avisar a família Manette. Na França, ele é denunciado por emigração e por levar informações importantes a outros países e é preso. Depois de um ano e três meses, Darnay é libertado com a ajuda do sogro, mas infelizmente é obrigado a retornar a prisão mesmo antes de conseguir voltar à Londres. Sua condenação provém de uma denúncia dos Defarges identificando-o como sendo da família Evrémondes, que, no passado, havia cometido vários crimes contra a população desfavorecida na França.

Por ódio de Madame Defarge em relação a toda família Evrémonde, Darnay é condenado à guilhotina, mas antes da execução, seu amigo Carton vai visitá-lo e finge ser o prisioneiro, libertando assim o companheiro. Essa atitude é evidenciada como uma prova de amor de Carton por Lucie ao libertar seu marido.

Dickens cria personagens ficcionais que vivem entrelaçados por fatos históricos (PUGA, 2006). O escritor literário tem a liberdade de fazer ficção em fatos reais, no qual as personagens ficcionais interagem com figuras históricas. Ao leitor é dada a possibilidade de se relacionar com o mundo real e o ficcional através de romances históricos que perpassam o passado francês e por sua memória social. O escritor de *Um Conto de Duas Cidades* deseja conscientizar o leitor de acontecimentos representados ao longo da narrativa, como o lema da revolução Francesa:

Avançaria lentamente em sua jornada o viajante que fosse da Inglaterra a Paris no outono do ano de 1792. [...] em cada portão das cidades e coletarias das aldeias havia bandos de patriotas-cidadãos, com seus mosquetes nacionais no mais explosivos estados de prontidão, que retinham todos os que chegavam e saíam, interrogavam-nos, inspecionavam-lhes os documentos, procuravam-lhes os nomes em listas, mandavam-nos de volta ou em frente ou prendiam-nos, de acordo com que seus caprichos julgamentos ou fantasias considerassem melhor para a nascente República Uma e Indivisível da Liberdade, Igualdade, Fraternidade ou Morte. (DICKENS, 2002, p.289)

A passagem acima retrata como eram os percalços da situação das fronteiras no período de 1792 para alguém que quisesse viajar da Inglaterra à Paris. Percebe-se como a população estava revoltada e amedrontada. Qualquer ação que não interessasse ou fosse reprovada pelo governo era tida como oposição aos caprichos da nobreza, e poderia desta forma, ser levado ao extremo como julgamentos ou a morte. Dessa forma, Dickens adiciona mais um conceito ao lema da Revolução Francesa: a morte.

O autor reconstrói o passado histórico com base na vida das personagens, acentuando a ficcionalidade e revitalizando fatos históricos, aproximando, assim, o discurso histórico do literário. O discurso literário no romance *Um Conto de Duas Cidades* é resultado de uma reflexão que se constrói em uma mediação com a memória histórica. Como já foi dito anteriormente os historiadores buscam fontes e documentos de um passado para desenvolver suas pesquisas e os escritores literários analisam a realidade dos fatos e pesquisas históricas para revivê-los na ficção tornando-se desta forma, cúmplices dos dois aspectos: real e ficcional.

ABSTRACT: Charles Dickens in *A Tale of Two Cities*, presents a story that portrays love, shame, anger, guilt, retribution and death. The novel is, at once, the reality of England and eighteenth-century revolutionary France,

where the characters lived in social conflicts amid the burgeoning movement that culminated in the French Revolution. In this classic of English literature, Dickens takes as a reference point and the Industrial Revolution to point out the social and political problems of England and France at the time. From this perspective, it is important to understand the literary discourse of the novel *A Tale of Two Cities* as a result of a mediated reflection with historical memory.

Key-words: History, French Revolution, English Literature.

Referência Bibliográfica:

BURKE, Peter. “História como memória social”. In: _____ *Variedades de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

DICKENS, Charles. *Um conto de duas cidades*. São Paulo: Nova Cultura, 2002.

LUKÀCS, George. “Narrar e descrever” In: *Ensaaios sobre a literatura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira: 1968, p. 47 – 99.

PUGA, Rogério Miguel. *O Essencial sobre o Romance Histórico*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2006.

WHITE, Hayden. “As Ficções da Representação Factual”. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (Org.). *Deslocalizar a Europa*. Lisboa: edições Cotovia, 2005.